

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Maria Eduarda Quintão Barros

A escuta de crianças na Educação Infantil: o olhar da Pedagogia Waldorf

Juiz de Fora
2023

Maria Eduarda Quintão Barros

A escuta de crianças na Educação Infantil: o olhar da Pedagogia Waldorf

Trabalho de Conclusão de Curso para o
Curso de Pedagogia como pré-requisito
para a obtenção do título de Bacharelado
e Licenciatura em Pedagogia da
Universidade Federal de Juiz de Fora.

Prof.^a Orientadora: Núbia Aparecida
Schaper Santos

Juiz de Fora

2023

AGRADECIMENTOS

Sou imensamente grata por ter sido aluna do Colégio Waldorf Brasilis. Aos professores que me ensinaram muito além de conteúdos, a oportunidade que meus pais me deram, ao nos mudarmos para uma nova cidade, de estudar nessa escola tão acolhedora.

Agradeço as oportunidades de estágio que tive no Sol Dourado e na Paineira Escola Waldorf, pois as vivências que tive nesses ambientes mudaram minha forma de enxergar a vida, especialmente o início dela, em ambas as escolas encontrei professores experientes que me fazem ter esperança e me inspiram a dar o meu melhor.

Agradeço minha orientadora nesse trabalho, a professora Núbia Schaper, que acompanho desde meu segundo período da faculdade. Obrigada professora, por seu olhar tão atento e sensível, que me fez perceber as potências dos bebês e crianças pequenas. Pelo seu exemplo compreendi o tamanho da minha responsabilidade enquanto educadora.

Dedico este trabalho à Isabel Simões Trogo de Oliveira, que me incentivou e acolheu em sua casa em uma fase difícil da minha vida. Isabel nunca duvidou da minha capacidade e competência, mas não teve o mesmo olhar amoroso por si e encerrou sua vida em abril de 2023. Sinto saudade.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre os conceitos teórico filosóficos que sustentam a Pedagogia Waldorf e suas teses que atravessam o campo das práticas e possibilitam ao professor um processo de autorreflexão, aprendizado e respeito para com as crianças. A partir das minhas vivências como aluna e estagiária discorri sobre minhas percepções a partir das sugestões de mudanças de posturas vindas da tutora da escola, sobre os princípios dessa pedagogia sobre a formação humana, que não se resumem apenas à prática pedagógica e a fundação da primeira Escola Waldorf. Narrei também sobre o espaço e as práticas que me marcaram quando estagiei na instituição Sol Dourado Jardim Waldorf e a maneira como essa experiência, aliada aos estudos e reflexões na Faculdade de Educação da UFJF mudaram meu olhar para as crianças e a prática pedagógica.

Palavras-chave: Pedagogia Waldorf; reflexão; teoria e prática.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Foto tirada de cima para baixo, mostra a arrumação que as próprias crianças fizeram. Nela aparece um nicho sobre um tapete de crochê que não vemos o que se encontra dentro dele, e sim em cima; são frutinhas de madeira e feltro, ao lado uma pequena tábuia de madeira com um furo em uma das extremidades, uma colher de pau e um pequeno pilão também em madeira. No canto superior esquerdo da foto há três bolas de tricô com enchimento macio sobre um cesto pequeno demais para as comportar. O chão é de madeira e a parede rosa.

Figura 2: A foto mostra o lugar em que os carrinhos eram guardados, no chão embaixo da janela, a arrumação foi feita pelas crianças, por isso um carro está deitado e outros dois distantes entre si, mas todos estão em seu lugar. Na janela há um cesto com dois passarinhos feitos de feltro e cortinas rosas de um material fino e transparente, que foi trocada, por sugestão da tutora, por uma que impedisse melhor o sol de entrar.

Figura 3: Vemos nessa foto a porta da sala aberta, uma cadeira logo à sua frente com uma coroa de feltro em cima e uma mesa forrada por um tecido floral feita de carretel de fio elétrico em madeira. No chão, bem na quina entre duas paredes, há dois colchonetes forrados com uma manta de algodão de cor clara com almofadas vermelhas, acima há uma estrutura de tecido voal rosa claro, que originalmente deve ter sido um mosquiteiro, com ornamentos de flores e folhas no mesmo tecido, duas pontas presas uma em cada parede formando uma passagem de entrada para esse cantinho aconchegante.

Figura 4: Também da sala, no centro da foto há um pequeno sofá feito de colchonetes empilhados com uma manta de algodão de cor clara com almofadas vermelhas em cima e uma vaca e uma girafa feitas de crochê em cima. Acima vemos um quadro de uma Madona, a esquerda um armário e a direita o “canto de época” que era montado periodicamente pela professora de acordo com a época do ano; no chão vemos dois berços, um de madeira e outro um cesto, ambos com bonecas waldorfs dentro.

Figura 5: É uma foto do chamado Pátio Branco, que ficava no segundo andar da escola. Há na imagem uma casinha de madeira sem ângulos retos e um cavalinho e uma ovelha de balanço. (foto tirada do Facebook da escola)

Figura 6: É uma foto de uma das salas de jardim da escola. Há, assim como na sala de maternal, um cantinho de época, um sofá de colchonetes, uma mesinha feita de carretel de fio elétrico de madeira e almofadas vermelhas, além de outros brinquedos e móveis como uma casinha feita com um tecido preso ao teto com duas prateleiras nas laterais, formando assim o teto e as paredes. nessa sala havia outros brinquedos como toquinhos, uma fazendinha e uma cozinha com fogão, geladeira e alimentos de feltro, além de pia e um fogão convencional. (foto tirada do Facebook da escola)

SUMÁRIO

1. Introdução	
6	
2. Notas sobre os princípios da Pedagogia Waldorf	
9	
2.1 A origem da Pedagogia Waldorf	
11	
3. A construção de um olhar para a escola e suas práticas	
16	
Considerações	finais
22	

“Partir da observação atenta ao fenômeno,
elaborar conceitualmente a imagem retida
de forma viva e permitir que a essência
se manifeste”
Johann Wolfgang von Goethe

1. Introdução

Início a escrita deste trabalho rememorando a minha trajetória escolar e o encontro com o tema que pretendo desenvolver no Trabalho de Conclusão de Curso. Acredito que o desejo por estudar determinado assunto emerge das inúmeras experiências que vivenciamos ao longo de nossa trajetória escolar, em especial, da inserção nos espaços dentro e fora da Universidade

O meu primeiro contato com a Pedagogia Waldorf ocorreu quando minha família se mudou para Cuiabá-MT, onde tive a oportunidade de ser aluna do Colégio Waldorf Brasilis nos anos finais do Ensino Fundamental. Para essa pedagogia, o 9º ano é considerado Ensino Médio, pois a pessoa, aos 14 anos entra em um outro setênio¹, portanto em uma nova fase do desenvolvimento, que se difere da anterior.

A minha trajetória escolar, em minha cidade natal, no interior de São Paulo, foi um pouco conturbada, pois desenvolvi um problema ocular na época da minha alfabetização, o que me fez ser incompreendida e diagnosticada com déficit de atenção, diagnóstico descartado após a descoberta do verdadeiro problema, que foi tratado com acompanhamento psicológico e psicopedagógico. Após a mudança de escola, de uma instituição católica para uma cooperativa de ensino, eu passei a me sentir mais incluída e querida pelos colegas e professora, mas ainda não dava conta de tirar boas notas, mesmo sendo uma aluna dedicada.

¹ Setênio, como o nome diz, é um período de sete anos. Na Biografia humana, a luz da Antroposofia, em cada setênio estamos desenvolvendo uma parte específica do que compõe o ser humano; no primeiro setênio o que está principalmente sendo desenvolvido é o Corpo (*Desvendando o Crescimento*. As fases evolutivas da infância e da adolescência. São Paulo. Antroposófica)

A mudança para o Mato Grosso aconteceu quando eu tinha 11 anos e foi uma fase difícil para mim, deixar meus amigos queridos para trás e a escola que eu amava. Entretanto, eu gostei de saber que a escola que eu estudaria não tinha provas, os cadernos não tinham linhas e eu não precisaria usar uniforme. Somente anos depois tive consciência do quão benéfica foi essa mudança para mim.

Em 2020, enquanto me preparava para uma mudança de apartamento com a minha família, encontrei os meus boletins dessa época, que contava não só com uma nota com letras como “O” para ótimo e “S” para satisfatório, mas com um texto da professora descrevendo minhas habilidades e pontos a melhorar. O boletim do 6º ano conta que, por eu ter chegado no meio do ano, a professora achou por bem me manter com aulas de reforço no contraturno para ter certeza de que eu acompanharia a turma, mas que essas aulas foram suspensas quando em duas semanas ela percebeu que eu não só não tinha dificuldade no que me era apresentado, como sabia a matéria. Quando me deparei com essas informações me lembrei de como eram os meus boletins na escola anterior, pois com muito custo eu tirava 7 e ficava muito feliz com ele, pois era raro conseguir conquistar um número maior.

Quando saí da escola Waldorf e fui para uma escola tradicional com duas provas semanais, tive muita dificuldade e quase reprovei de ano, pois não sabia fazer provas (nunca soube), e levou um tempo até que eu conseguisse boas notas. Eu já estava mais velha e apesar de frustrante, era uma escola difícil não somente para mim, mas para outros colegas. Apesar de todo o esforço, minhas notas passaram a ser maiores que a média, mas quase nunca conquistava as notas máximas. Os anos de vestibular para mim foram muito difíceis, pois os resultados não eram positivos, e mesmo eu achando que tinha ido bem as minhas notas mostravam o contrário.

Narro as histórias da minha trajetória escolar na Educação Básica porque foi somente quando entrei na faculdade de Pedagogia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com tantas reflexões desde o primeiro período sobre os diferentes métodos avaliativos, além das provas, que comecei a me dar conta de que eu não era “incapaz” como passei a acreditar depois de anos de frustração. Foi no decorrer do curso que refleti sobre minha trajetória e entendi o quão importante aquela escola de metodologia dita “alternativa” foi para mim. Naquele período, questionamentos sobre a minha inteligência e capacidade não eram uma questão, porque me viam para além de um pedaço de papel com “nota vermelha”.

A permanência na escola Waldorf foi de apenas dois anos e meio. Mas parece-me que foram longos anos. Naquela escola fui, de fato, educada, cuidada e ensinada a acreditar em mim mesma, pois os adultos em minha volta acreditavam. Hoje percebo que se não fosse por esse período em que minha autoestima foi cultivada, eu não teria apostado na entrada em universidade pública porque me faltaria a crença de que seria possível.

Ao longo do curso de Pedagogia, apesar de não existir nenhuma disciplina ou conteúdo sobre a Pedagogia Waldorf, fui me interessando em estudá-la. Tinha vontade de extrapolar a experiência de aluna da escola e compreender melhor sobre os fundamentos e princípios dessa pedagogia, que se diferenciava tanto da pedagogia tradicional, tão criticada no decorrer do curso. Passei, então, a fazer mais contato com alguns professores do Colégio Brasília e a procurar pelas escolas waldorfs de Juiz de Fora.

No terceiro período do Curso de Pedagogia, consegui estágio na instituição Sol Dourado, escola que se tornou Waldorf, depois de um longo processo de formação do corpo docente. Quando conheci a escola me encantei com os mobiliários que mantinham tudo na altura das crianças, os brinquedos de madeira e tecido que, claramente, tinham sido feitos a mão e a forma cantada de se dirigir às crianças me fizeram querer entender melhor os motivos de tudo aquilo.

O silêncio como ferramenta pedagógica escolar me foi apresentado quando fui estagiária nessa escola. A escola em questão recebia periodicamente a visita da tutora Mara Rúbia, uma professora com muitos anos de experiência em Pedagogia Waldorf. Sua função era observar nossa prática, nos corrigir quando necessário e dar as orientações para que a escola caminhasse de acordo com os princípios Antroposóficos.

A tutora nos alertou sobre como a escola estava barulhenta pelas conversas entre os adultos, e disse nas reuniões em que estive presente sobre a necessidade do silêncio para um brincar realmente livre e autônomo. Enfatizou a importância da observação da própria postura como parte do processo de autoeducação tão importante na prática com crianças.

A presença da professora Mara nesta escola, juntamente com minha trajetória acadêmica e interesse por desenvolvimento humano e primeira infância abriram meus olhos para minha prática em uma turma de maternal. Foi sugestão da tutora, além do silêncio, uma mudança de postura, que eu parasse de me sentar no chão e, quando precisasse me sentar, que me sentasse em uma cadeira, mas que preferisse ficar de pé.

Para minha surpresa, poucos dias depois dessa mudança percebi algumas crianças mais confiantes em resolver suas próprias disputas e embates. Minha reflexão sobre isso é que eu passei a estar em sua área de visão e, portanto, mais presente, mesmo que naquele momento minha conduta estivesse sendo ter a menor interferência quanto possível.

Foi muito interessante perceber as mudanças na prática. Pude observar com mais atenção e me senti ainda mais conectada com aquelas crianças. Posso dizer, até pelos registros que fiz nessa época em um diário de campo e em uma carta que escrevi para a professora ao fim de uma disciplina eletiva² que muito colaborou nesse processo, que a comunicação e a confiança delas para comigo aumentou, uma vez que passei a olhá-las me regulando para não intervir verbalmente. Isso me dava tempo para perceber o que realmente estava acontecendo antes de uma intervenção. Essa autorregulação da fala foi um grande desafio para toda a escola, mas me empenhei no processo e me sinto orgulhosa do trabalho que realizado coletivamente nesse período.

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho é *refletir sobre os conceitos filosóficos que sustentam a Pedagogia Waldorf e suas teses que atravessam o campo das práticas e possibilitam ao professor um processo de autorreflexão e aprendizado*. Recorro à minha experiência.

O trabalho está organizado da seguinte maneira: a primeira seção apresenta o referencial teórico, na qual trago um breve resumo sobre a obra de Rudolf Steiner e seu percurso na educação, o desenvolvimento do que conhecemos hoje como Antroposofia, a fundação da primeira Escola Waldorf, e alguns pontos referentes à prática na Educação Infantil e o desenvolvimento da criança, alinhado a essa perspectiva. A segunda seção traz a metodologia e descrição da escola onde realizei o estágio, a prática da rotina com as crianças. A terceira seção é destinada a algumas análises sobre o cotidiano vivenciado com as crianças, integradas ao dia a dia institucional e, por último, teço considerações finais sobre o trabalho.

2. Notas sobre os princípios da Pedagogia Waldorf

² Disciplina: Seminários em Fundamentos da educação: O desenvolvimento da criança e do bebê na perspectiva de Henri Wallon, cujos estudos foram feitos acerca do desenvolvimento dos bebês e crianças pequenas, ministrada pela professora Núbia Aparecida Schaper Santos

A formação de professores para atuar em uma Escola Waldorf acontece a partir de um tipo de especialização, geralmente no formato de seminários de imersão com módulos de oito dias com intervalos de três meses, ao longo de quatro anos. Cada Instituto de Fundamentação em Pedagogia Waldorf tem autonomia para organizar seu currículo, comumente, nos primeiros dois anos são abarcados as bases e os fundamentos do pensamento Antroposófico e nos dois anos seguintes a fundamentação pedagógica com ênfase nos setênios que cada instituto se propõe a incorporar. Em todos os módulos, independente do assunto principal a ser abordado por meio de palestras, há também aulas de artes aplicadas e plástico-pictóricas. A modalidade dessa formação é predominantemente Curso Livre, apenas a Faculdade Rudolf Steiner, em São Paulo, possui reconhecimento do MEC em seu curso de graduação em Pedagogia Waldorf como *lato sensu*.

Pensando na sociedade em que vivemos hoje, pautada no Mundo do Trabalho e na acumulação de capital, uma educação libertadora não é a prioridade. Infelizmente no Brasil, as Escolas Waldorfs são predominantemente de iniciativas privadas, muitas vezes fundadas por famílias que desejam uma educação mais abrangente para seus filhos usando seus próprios recursos. O resultado são escolas particulares, mesmo quando sem fins lucrativos, geralmente com valores altos de mensalidades, em que apenas uma minoria que pode pagar tem acesso. Apesar de serem poucas, existem escolas públicas e associativas de Pedagogia Waldorf no Brasil.

Essa não era, entretanto, a proposta inicial de Rudolf Steiner, visto que a primeira Escola Waldorf foi fundada inicialmente para os filhos dos funcionários de uma fábrica, outrora parte de uma elite intelectual também quisera matricular seus filhos nessa escola. A Pedagogia Waldorf foi criada visando o desenvolvimento saudável e integral, a autonomia e a liberdade para ser o que se é. Diferenciando-se, assim, de um sistema educacional bancário que visa a formação de mão de obra, típico da sociedade com valores capitalista neoliberal que vivemos, na qual o foco é a produção de capital e não indivíduos felizes.

Nesse cenário, pensar em uma escola onde as crianças têm, não só o direito, mas o tempo garantido para o Brincar, em que há momentos para práticas e desenvolvimento artístico, para que possam e saibam se expressar da forma que melhor entender, é disruptivo. Ter um momento para se aprender a tricotar pode não ser a prioridade para muitos, mas seus benefícios são notáveis quando, com a prática, é necessário desenvolver paciência, persistência, resolução de problemas e percepção matemática.

Usei o exemplo do tricô, mas ao tocar flauta, violino, cantar, produzir pinturas em aquarela, desenhos com giz de cera, em carvão, grafite, costurar com as próprias mãos e aprender a usar uma máquina de costura, que são algumas das práticas artísticas do segundo setênio, trazem dezenas de qualidades a serem desenvolvidas pelas crianças.

A Pedagogia Waldorf acaba sendo sobre dar oportunidades. É oportuno para uma criança que é apresentada diversas formas de resolver um mesmo problema, a partir de várias vivências, que escolha qual lhe faz mais sentido. O caminho mental que cada pessoa percorre é sempre diferente uns dos outros, e o mesmo acontece com as crianças, ampliar e permitir que os conteúdos sejam aprendidos pelo corpo com tempo e movimento me parece, no mínimo, inteligente. O professor nesse cenário é quem orienta e apresenta as possibilidades, mas é uma criança que escolhe qual, para sua individualidade, é o melhor caminho a seguir.

2.1 A origem da Pedagogia Waldorf

No site do Instituto Ruth Salles, em matéria intitulada “Introdução – A educação para enfrentar os desafios do futuro”, Rubens Salles descreve uma pequena biografia de Rudolf Steiner e conta que sua produção ao longo da vida foi de 28 livros e mais de cinco mil conferências que foram publicadas em cerca de 330 volumes, além de trabalhos artísticos. Tais obras estão organizadas e guardadas no Goetheanum, que é a casa da Antroposofia, na Suíça, e podem ser encontradas através de uma ordenação por GA- (Gesamtausgabe, que significa “obras completas” em alemão) e seu número.

Em sua autobiografia intitulada “Minha Vida”, Steiner narra acontecimentos e reflexões desde a infância. Ele estudou filosofia dos 21 aos 39 anos, quando começou os estudos de teosofia, e aos 52 anos, por divergências, rompeu com a sociedade teosófica e fundou a Antroposofia, que pode ser também chamada de Ciência do Espírito ou Espiritual. Isso porque o autor desenvolve que, nós seres humanos, somos mais complexos do que a percepção física é capaz de constatar.

Em seu Trabalho de Conclusão de Curso para o curso de Pedagogia da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, Isadora Murad desenvolveu uma pesquisa sobre a fundação da Escola Waldorf Paineira, localizada no município de Juiz de Fora, que foi a terceira escola antroposófica do Brasil. Em seu trabalho, Isadora usa a bela imagem de uma grande árvore, cujo tronco representa a Antroposofia, e seus inúmeros

galhos representam suas áreas de atuação: a Educação, a Medicina, a Farmacêutica, a Agricultura, a Arquitetura, as Artes e as Terapias, dentre outras.

Quando morou em Viena, Rudolf Steiner, foi professor de um menino com hidrocefalia, doença que causa acúmulo de líquido dentro da cabeça, entre outras complicações. O garoto, que se chamava Otto Specht, se cansava e já não conseguia se concentrar após 15 minutos de aula. Steiner, então, desenvolveu uma forma de ensinar dedicada a contemplar as especificidades daquela criança.

No livro “O pensar intuitivo na ação e no diálogo” de Rogério Calia (2019, p. 06) descreve:

“O jovem educador Rudolf Steiner passava horas planejando uma única aula de poucos minutos. A sequência dos assuntos e a forma de explicar eram cautelosamente trabalhados para que o menino pudesse ter o máximo de compreensão da matéria, no menor tempo, a fim de não causar qualquer mal-estar àquele corpo tão frágil. Além disso, Steiner observou atentamente os condicionantes da vitalidade do garoto e teve insights para criar exercícios e movimentos corporais com fins terapêuticos.”

Para a surpresa de muitos médicos da época, e até os de hoje, a hidrocefalia do menino, aos poucos, foi regredindo, e ele passou a cursar o ensino regular, e, posteriormente, se formou em medicina. Infelizmente o jovem médico morreu exercendo seu ofício, quando teve que trabalhar como médico das tropas na Primeira Guerra Mundial. Foi a partir dessa experiência com Otto, que Rudolf Steiner começou a pensar em uma prática educativa que contemplasse a essência humana, ou seja, fosse capaz de integrar corpo, alma e espírito. (CALIA, 2019, p. 6)

Ainda em sua biografia, Steiner conta que como a Primeira Guerra Mundial e suas enfermidades o tocaram, e se debruçou, então, em desenvolver uma nova forma de organização social para que a humanidade não precisasse passar novamente por isso. Foi então que emergiram os princípios da Trimembração do Organismo Social.

No site da Federação das Escolas Waldorfs do Brasil (FEWB), em matéria intitulada “Histórico no mundo”, conta que a primeira Escola Waldorf surgiu do impulso de um membro da Sociedade Antroposófica chamado Emil Molt. Ele quis colocar em prática os ensinamentos de Steiner e pediu-o para que desenvolvesse a fundamentação pedagógica para o funcionamento de uma escola Antroposófica para os filhos dos funcionários de sua fábrica. Em setembro de 1919, então, abriu-se as portas da Escola Waldorf Livre.

Em sua obra intitulada “Filosofia da Liberdade”, Steiner (2008) disserta sobre a Liberdade, e diz estar intimamente ligada à possibilidade humana de vir a ser o que se é. Seguindo sua linha de raciocínio, somente somos livres quando nos libertamos das amarras do que se é esperado, dos preconceitos e de tudo o que pode nos influenciar, e experimentamos, assim, agir genuinamente por si, uma motivação interna. Dessa forma, é quando o pensar intuitivo gera uma ação genuína que experimentamos a liberdade.

Uma vez, quando questionado sobre o que de seu amplo trabalho perpetuaria para posteridade humana, Rudolf Steiner respondeu que seria a Filosofia da Liberdade. Segundo ele, nessa obra encontram-se as bases, a essência, do pensamento antroposófico. Etimologicamente, Antroposofia deriva do grego *anthropós*, homem, e *sophia*, sabedoria. Diferente da Antropologia cujo sufixo se traduz por razão, a Antroposofia está menos ligada à racionalidade humana materialista cartesiana e mais presente na sabedoria das observações atentas aos fenômenos, nas formas de funcionamentos e simultaneidades e em como as relações de processos e individualidades se dão.

Sobre Antroposofia e ciência, Rudolf Lans, em seu livro “Noções Básicas da Antroposofia” (1997, p. 15- 16) diz:

[...] a Antroposofia não é religião nem seita religiosa. Distingue-se da especulação filosófica por seu fundamento em fatos concretos e verificáveis, e distingue-se de caminhos esotéricos e do espiritismo pelo fato do pesquisador, conservar-se dentro dos métodos por ela preconizados, mantendo sua plena consciência, sem qualquer transe, mediunismo ou estados extáticos ou de excitação artificial. A Antroposofia é ciência! Mas é uma ciência que ultrapassa os limites com os quais até agora esbarrou a ciência ‘comum’. Ela procede cientificamente pela observação, descrição e interpretação dos fatos. E é mais que uma teoria, um edifício de afirmações. Com efeito, ela admite e reconhece todas as descobertas das ciências naturais comuns, embora as complete e interprete com suas descobertas. Sobretudo tem feito, em todos os domínios da vida prática, muitas contribuições e inovações concretas e positivas – o que constitui a verdadeira pedra-de-toque de seus princípios.

Um dos princípios para a docência de um professor Waldorf é a “autoeducação”. Isso porque, uma pessoa adulta já não é mais influenciada a mudar seu comportamento ou pensamento pelo que o outro diz e/ou sugere, mas sim por uma escolha interna de mudança, seja ela consciente ou não. O que Steiner desenvolve é que, principalmente o professor, assim como qualquer adulto que esteja em companhia de uma criança, precisa

tomar consciência da responsabilidade perante esse ser, buscando se aprimorar, desenvolver-se e se educar. (STEINER, Rudolf. 2022.)

A maneira como a figura adulta fala somente o necessário na presença das crianças, e, quando se fala, o faz cantando; a forma de se vestir, sempre usando um avental com a forma arredondada na barra da saia, que traz aconchego e segurança aos pequenos; o mobiliário de madeira, a cozinha dentro da sala para que as crianças se familiarizem com as atividades de manutenção, os brinquedos feitos de materiais naturais; a maneira em que se organiza a sala, a forma de chamar as crianças para arrumação do espaço cantando, ou o sábio momento de se colocar fisicamente entre duas crianças em disputa e direcionar sua atenção para outro lugar, ou a conter em uma braço firme até se acalmar são coisas que podem passar despercebidas ou serem consideradas meros detalhes para um observador desatento, mas que esse professor faz com consciência e amparo teórico. (STEINER, Rudolf, 2022.)

Em uma das muitas conferências que proferiu, e que posteriormente se tornou livro com o título “Andar, falar, pensar”, Steiner discorre como é essencial que o educador compreenda a necessidade de manter nas crianças sua individualidade humana livre e se apresentar como um guia auxiliar. O cuidado para não introduzir coação é indispensável, pois quando isso acontece, prejudicamos a organização humana pelo resto da vida

Nesse sentido, uma criança quando nasce precisa ser intensamente cuidada pelas figuras materna e paterna para que possa crescer e se desenvolver. Rudolf Steiner define a criança em seus primeiros anos como um indivíduo totalmente sensorial. Passados alguns meses a criança se arrasta, engatinha, se senta, fica pela primeira vez de pé e experimenta os primeiros passos até que se sente confiante e *Anda*. Isso é um reflexo do desenvolvimento do seu corpo, que cresce em relação a cabeça, firma a coluna e os membros se fortalecem. Mas, mais do que isso, é sobre “colocar-se em posição de equilíbrio perante o mundo” (STEINER, Rudolf. 2014.)

A etapa seguinte a essa é a *Fala* que é conquistada a partir da orientação no espaço. A organização interna necessária para o surgimento da fala começa a se desenvolver a partir dos movimentos que, num primeiro momento, eram aleatórios e inconscientes, mas passam a ter intencionalidade e aos poucos são controlados. Essa primeira “consciência”, mesmo que a criança não perceba dessa maneira, é o que a prepara para a aquisição da linguagem. (STEINER, Rudolf. 2014.)

O *Pensar*, portanto, só pode ser alcançado depois da fala. Na presença de uma criança que está aprendendo a Falar, precisamos ser claros e verdadeiros no que dizemos, principalmente quando nos direcionamos a ela, pois caso isso não aconteça, por ser um organismo sensorial, haverá confusão entre verdade e falsidade, e isso certamente refletirá no desenvolvimento de seu corpo. Da mesma forma, em relação ao pensar, devemos primar pela *clareza* de pensamento, seja quando estamos perto dela ou pensando sobre ela, de forma a não causar confusão mental, principalmente, nesse momento inicial da aprendizagem do pensar. Segundo Rudolf Steiner, a causa no Nervosismo moderno certamente tem causa na confusão interna causada nesse momento primordial que se estende para a vida adulta.

Dito isso, fica mais fácil entender os motivos pelos quais, até os sete anos, em uma Escola Waldorf as crianças “apenas” brincam livremente ou acompanham alguma atividade de sua jardineira³, sem sistematização ou obrigatoriedade. O Brincar dá oportunidade de desenvolvimento sensório e motor, e a oportunidade de fazer isso livremente está relacionada na confiança da (antropos) sabedoria dessa individualidade que, na maioria das vezes, sabe - claro que inconsciente - o que precisa ser vivenciado para seu próprio desenvolvimento.

Quando tratamos de crianças do primeiro setênio, comumente utilizamos os termos “dormindo”, “sonhando” e “acordado”. Dormindo está a criança para uma série de situações, informações e até sentimentos, por sua imaturidade cognitiva e corpórea, é um limite físico, e por isso dizemos que ela está sonhando, pois não conquistaram, ainda, o acordar perante o mundo. Entretanto, não é porque sabemos que ela ainda é imatura e deveria ter o mundo introduzido de forma homeopática que isso de fato acontece, principalmente por estarem, atualmente, inseridas em meio a tanta poluição auditiva e visual, típicos da Época Cultural que vivemos.

É comum darmos explicações excessivas para as crianças. No Brasil, por exemplo, é lei que a criança esteja sendo alfabetizada já aos seis anos de idade, devendo estar matriculada no primeiro ano do ensino fundamental. Acontece que ao fazer isso, estamos atropelamos processos de desenvolvimento que só poderão acontecer nesse princípio de vida, e que as consequências disso ficarão marcadas em seu corpo, que não pode brincar, em sua mente, que não teve tempo de assimilação, e em seu emocional, pois lhe exigiram maturidade antes da hora. Esse desrespeito com a criança

³ Jardineira é a designação da professora na etapa da educação Infantil dentro da Pedagogia Waldorf

e seus processos de amadurecimento acontece sem levar em conta que esse período de sua vida é crucial para seu desenvolvimento pleno e saudável.

A Pedagogia Waldorf é um movimento de contracorrente. Todo o conhecimento que Rudolf Steiner produziu acerca do ser humano me faz ter esperança de que a mudança é possível, e que precisamos parar de ignorar “detalhes” da constituição humana para que possamos curar nós mesmos por meio da autoeducação valorizando o que realmente é importante, e a partir disso permitir que as novas gerações sejam mais saudáveis do que nós mesmos tivemos oportunidade de ser.

Outra forma de apresentar o mundo e outras interações muito usada pelo Professor Waldorf são as histórias contadas diariamente, e às vezes apresentadas como teatro de mesa. Geralmente, encontradas em livros de contos de fadas, de maneira alguma se apresenta a “moral da história”, pois a intenção não é moralizar a criança, mas sim compor, desde já, seu mundo de fantasia com figuras arquetípicas que se apresentam no mundo real. Cada criança em uma mesma história pode chegar em um aprendizado diferente, que diz da sua individualidade e sensibilidade. Diferente do que poderia se pensar, no primeiro setênio, a mesma história é contada por um longo período, geralmente de um mês, da mesma forma; é feito dessa maneira para que a criança possa ir para casa e dormir com ela algumas vezes, e se atentar a cada parte dessa história que foi escolhida e decorada com dedicação por sua professora.

3. A construção de um olhar para a escola e suas práticas

No terceiro período da faculdade, em 2018, procurei saber quais eram as escolas Waldorfs da cidade de Juiz de Fora, pois queria realizar meu estágio obrigatório em Educação Infantil em uma delas. Com alguma insistência consegui o estágio na instituição Sol Dourado - Jardim Waldorf. Ao finalizá-lo, recebi a proposta de estágio remunerado, que aceitei com alegria. Neste ano, acompanhei uma criança com autismo na mesma turma de jardim que fiz meu estágio, composta por crianças entre quatro e seis anos. Já em 2019 passei a acompanhar uma turma de maternal com bebês e crianças de um ano e meio a três anos. A partir da referida experiência, produzi dados, a partir da constituição do Diário de Campo, que será utilizado neste trabalho.

No ano de 2019 comecei a escrever, num primeiro momento, um diário pessoal para tentar lidar e entender melhor o meu momento de vida. Eu, quando com 21 anos,

tinha a impressão de estar me conhecendo e reparando que não ficava satisfeita com algumas interações que vivia, e descrever os acontecidos foi um processo terapêutico. Passei a perceber que nessa primeira escrita as vivências com as crianças apareciam com certa frequência, foi quando decidi ter um caderno específico para esses relatos. Passei a escrever nele, momentos do dia a dia dentro da escola, descrevi crianças, brincadeiras, músicas e desentendimentos que tive com outras estagiárias.

Hoje, relendo o material, percebo que é uma escrita com muitos sentimentos e marcas da minha vivência pessoal, mesmo assim decido usá-lo neste trabalho pelo carinho que tenho por essa fase da minha vida, pelas crianças que me permitiram tantas reflexões e por essa escola que tanto me acolheu, mas infelizmente não sobreviveu aos desafios que a pandemia do covid-19 trouxe para todos os setores da atividade humana e fechou suas portas em 2021.

Essa instituição funcionava em uma casa reformada, adaptada para acolher uma escola. No primeiro andar (térreo), funcionava a recepção e secretaria da escola, três turmas, sendo uma de jardim e duas de maternal, havia uma sala grande chamada de sala de jogos que na verdade continha uma mesa longa com cadeirinhas e uma espécie de casinha, com fogão e dispensa com panelinhas de alumínio, colheres de pau, frutas e legumes de feltro. Em outro espaço desta sala havia uma fazendinha com animais de tecido e um grande cesto com toquinhos de madeira de tamanhos variados. Ainda nesse mesmo andar havia um banheiro com fraldário, refeitório, cozinha, pias para higienização das mãos e escovação dos dentes, sala dos professores que também compunha um almoxarifado e um lavabo para uso de adultos. Na área externa desse andar havia um jardim com plantas em vasos, um banco grande e uma horta que as turmas visitavam com alguma frequência.

Para chegar no segundo andar era preciso descer algumas escadas, e nesse ambiente havia duas salas de jardim, a sala do financeiro e um pequeno pátio denominado de pátio branco que continha uma casinha, um pula-pula de pneu, uma mesa, um banquinho e algumas frutinhas de feltro em uma cesta, havia também um banheiro com três vasos sanitários infantis, pia e chuveiro.

O acesso ao terceiro andar também era feito por escada, e esse ambiente de área livre era separado em dois, a “areia” e o “pátio vermelho”, onde havia balanços e cordas para as crianças se pendurarem, embaixo da escada eram guardadas as panelinhas e colheres de pau, havia também uma pia e um bebedouro, um espaço para as crianças guardarem as galochas, e um quartinho com ferramentas e utensílios de serviços gerais.

Existia um pequeno deque em que as crianças poderiam optar por descer para a areia por uma escada ou um escorregador, este espaço era inteiro coberto por areia, e nele tinha uma casinha no chão e uma espécie de casa na árvore, com o troco de um abacateiro bem ao meio, em que as crianças poderiam escalar por cordas ou por uma rampa e descer por um escorregador. Havia nesse ambiente canteiros ao redor dos mudos com plantas e trepadeiras, uma delas inclusive fazia sombra no pátio vermelho.

A turma que acompanhei em 2019, no turno da tarde, tinha 12 crianças (com idade entre 2 e 3 anos), nomeada de maternal. Nossa rotina consistia em receber as crianças na sala onde brincavam livremente, enquanto eu e a professora fazíamos as checagens das agendas e a troca de roupa dos que estavam em desfralde até a hora de



nos a sala cantando uma música para esse sobre um trenzinho começava as crianças se organizavam diante da professora, às vezes em uma fila bem formada, às vezes não, para descer para a brincadeira no pátio de areia.

O brincar na Educação Infantil em uma escola Waldorf é predominantemente livre, e nesse momento em que as crianças tinham um amplo espaço para correr, pular e se pendurar não era diferente. Era também nesse parque que nossas crianças conviviam com crianças de outras turmas, sendo que 20 min o parque era dividido com outra turma e 20 min era apenas a nossa turma presente. Após esse tempo, subíamos em direção ao refeitório com

Figura 1:

uma parada na área com pias do primeiro andar para lavar as mãos de todos, sempre cantando para dar os comandos. Na hora do lanche uma oração em agradecimento ao alimento era recitada antes das crianças escolherem o que queriam comer, sempre era oferecido uma fruta, um carboidrato e suco natural, com cardápio variado e desenvolvido pela nutricionista da escola.



Enquanto as crianças lanchavam, eu ia até a sala para organizar o momento do sono, cobrindo colchonetes com lençol e travesseiro de cada criança, as vezes eu ia até o refeitório buscá-las, em outras a professora mandava aos poucos quem já havia terminado de comer. A maior parte da turma dormia, e eu era a responsável por esse momento em que, com as cortinas fechadas, cada criança se deitava em seu lugar e eu cantava uma música para que dormissem. Assim que todas adormeciam, eu tirava meus 15 minutos de intervalo e voltava para a sala e

aguardava até que

Figura 2:

acordassem ou a hora de acordá-las e, enquanto isso, as crianças acordadas ficavam com a professora regente em alguma área comum, geralmente a sala de jogos era utilizada por ser próxima a sala da nossa turma.



Para o momento de acordar as crianças, eu também cantava uma música e, aos poucos, com o movimento de abrir as cortinas e guardar os lençóis de crianças que já haviam se levantado quem estava dormindo acordava, mas quando era necessário, massageava braços e pernas para despertá-las. O momento pós sono

era

Figura 3:

destinado ao brincar livre em sala, e logo começavam a chegar os pais das crianças que não jantavam na escola. Para uma dinâmica menos estressante no refeitório na hora do jantar, pois era um momento em que várias salas se reuniam ao mesmo tempo, nós estagiárias colocávamos comida para todas as crianças antes de levá-las até lá, dessa forma quando todos chegavam fazíamos o poema de agradecimento ao alimento e todos podiam comer.

Após todas as crianças que ficavam na sala serem entregues aos responsáveis, a professora regente ia embora, e após o jantar, havia o momento da escovação, que a enfermeira da escola era a responsável. Após isso, voltávamos para sala onde brincavam, até que seus pais chegassem nos respectivos horários de saída. A escola tinha três horários de saída, o de 17:00, em que as crianças não ficavam para o jantar, e o de 18:00 e 18:30, que era também o meu horário de saída.

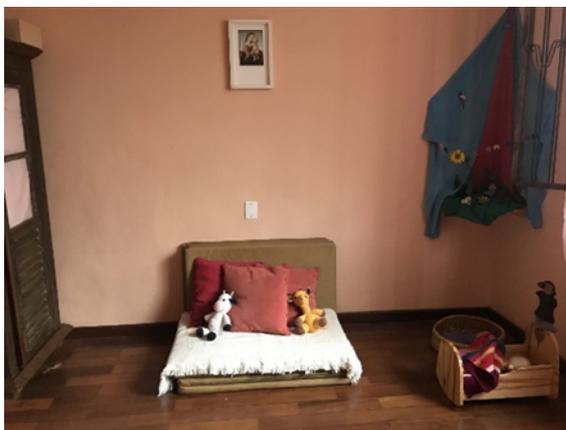


Figura 4:

É importante dizer que essa rotina era seguida todos os dias e que as crianças sabiam o momento de cada coisa e colaboravam com esse ritmo. Eu tenho algumas fotos de um dia, em que cheguei na sala para organizar o momento de dormir e me deparei com a sala arrumada do jeitinho das crianças e me encantei como cada coisa foi colocada em seu lugar. Havia chegado nesse dia um brinquedo novo, uma cestinha que serviria de ninho para dois passarinhos de feltro, e como as crianças não sabiam exatamente onde colocá-la, mas sabiam o lugar das outras coisas, logo, que aquele objeto não tinha ainda um lugar, o colocaram na janela, onde mantivemos sendo seu lugar de descanso.

Às vezes, eu começava a escrever em meu diário de campo quando a maioria das crianças já haviam ido embora, mas ainda restavam duas ou três, outras eu escrevia

em casa ou na faculdade quando chegava da escola. Meu diário não é muito amplo, nem contempla dias inteiros, mas eu registrei momentos que me foram marcantes. Vale lembrar que foi escrito em 2019, quando eu tinha 21 anos, e hoje quando o releio, com 25, percebo muito dos meus sentimentos e processos daquela época, e apesar de não ter se passado tanto tempo assim, hoje eu o escreveria de outra maneira esses acontecimentos.

Dentro da minha prática como estagiária em Jardins Waldorfs, tanto no Sol Dourado quanto na Escola Paineira, entendi com a prática do ritmo, que a observação atenta ao “fenômeno”, este sendo as interações entre as crianças, é a uma forma de se apresentar de forma inteira e presente a elas. Quando as crianças batem ou mordem, por exemplo, sabemos que sua intenção na maioria das vezes não é machucar o outro, mas sim externalizar e experimentar os próprios sentimentos, emoções e frustrações. De nada adianta dizer para a criança pequena que o que ela fez foi feio ou que não é assim que se resolvem as coisas, pois ela ainda não conquistou maturidade para isso, cabe então ao educador⁴ mediar a situação.

Na Escola Waldorf essa mediação começa na observação e percepção atenta dos acontecidos, com isso torna-se mais fácil para o professor perceber as causas e motivos da criança tomar suas atitudes, sejam elas consideradas positivas ou negativas. Dessa maneira torna-se mais fácil ajudá-las a lidar com seus sentimentos e emoções e, aos poucos, terão ferramentas suficientes para lidar com eles. Não seria justo exigir maturidade sem antes apresentar com *atitudes* maneiras de lidar com suas próprias frustrações.

⁴A palavra “educador” muitas vezes é utilizada para desvalorizar a profissão do Professor, neste trabalho renuncio deste sentido. Quando utilizo dessa palavra, tenho em mente que Educador é todo adulto em contato com criança, não apenas professores e familiares, a intensão, portanto, é implicar a sociedade na educação de cada indivíduo e nos desafios que a formação humana trás. Acredito quando cada pessoa tiver consciência de sua responsabilidade educativa no mundo, nós professores seremos muito mais valorizados por ter escolhido essa tarefa tão desafiadora como profissão.



Figura 5:

Um ambiente de escola waldorf é bastante musical, e na educação infantil não é diferente. As músicas cantadas, assim como o principal instrumento utilizado nas melodias apresentadas no primeiro setênio, o kântele, são pentatônicos, isso porque se assemelha com capacidade vocal e auditiva da criança, facilitando e permitindo a ela um canto saudável, sem colocar em questão imitar o tom de voz do adulto, pois esse responsável está se esforçando para, conscientemente, entregar um som agradável e seguro para imitação.



Figura 6:

As músicas cantadas na educação infantil, além de pentatônicas, muitas vezes expressam comandos de maneira sutil. Em meu diário de campo escrevi a letra de uma música que era cantada no momento de parar a brincadeira no parque de areia para então podermos lanche. Quando repetimos todos os dias a mesma rotina, ela se transforma em ritmo, e isso facilita a lida com crianças, principalmente as pequenas. Esse momento de sair da areia nem sempre foi fácil de ser feito, mas quando narrei no

meu diário de campo, a turma já estava familiarizada com a forma em que criamos o ritmo, portanto, quando a professora e eu começamos a cantar sobre um trenzinho que subia pelo monte, elas sabiam o que fazer. Em meu caderno descrevi “As crianças que estão na areia (Arthur, Lorenzo, Luna) percebem o movimento e vão na minha frente e, sem que ninguém mande se sentam na escada e retiram areia do sapato para subir.”.

Considerações Finais

Este trabalho se iniciou com o objetivo de refletir sobre a Pedagogia Waldorf e seus atravessamentos no campo teórico e prático. Conciliando meus estudos pessoais sobre o tema e a prática exercida no meu primeiro estágio, narrado no trabalho, e até mesmo com meu atual emprego. A construção desse trabalho trouxe em mim reflexões desde o princípio da minha formação em Pedagogia até o presente momento, em decorrência disso, consigo ver mudanças em minha prática e percepção das crianças. Penso que o estudo sobre a Antroposofia me inspira a ser uma pessoa mais coerente com as palavras e atitudes, e traz a consciência de meu papel na minha própria vida e em como isso perpassa minhas relações sociais, especialmente quando se trata de crianças.

Nas minhas vivências, aprendi sobre a importância de semear valores com postura e atitudes. As crianças precisam ser ensinadas a valorizar o ambiente limpo e aconchegante e o alimento que lhe é oferecido. No ambiente escolar Waldorf, as salas de aula se assemelham à configuração de uma casa, para ser mais aconchegante e seguro para a criança, mas também para que o cuidado com o ambiente feito junto com sua professora na escola reflita em casa e vice-versa. É preciso destacar que a questão da diversidade de famílias se coloca não como negação, mas como possibilidade de formação, independente da condição socioeconômica. Na presença das crianças, o professor limpa, organiza e cozinha. Essa prática torna a condução das crianças um caminho mais simples, pois estão habituadas pelo exemplo.

Certa vez, a professora Alzira da qual fui estagiária na Escola Paineira me disse que tudo o que fazemos na presença das crianças de primeiro setênio é “plantar sementes em sua alma”. Por isso, deveríamos nos manter atentas a tudo o que fazemos diante delas e nos esforçar para semear bons valores, sentimentos e atitudes, pois será a individualidade de cada criança e suas vivências que despertará ou não tais sementes ao longo de toda sua vida.

Referências

CALIA, Rogério. O Pensar Intuitivo na Ação e no Diálogo. 1ª edição. 2019.

LANS, Rudolf. Noções Básicas de Antroposofia. 4ª edição. São Paulo: editora Antroposófica, 1997.

LIEVEGOED, Bernard. Desenvolvendo o crescimento. As fases evolutivas da infância e da adolescência. 6ª Edição. São Paulo: Antroposófica, 2019.

STEINER, Rudolf. O estudo geral do homem. Uma base para a pedagogia. 7ª Edição. São Paulo: Antroposófica, 2022.

STEINER, Rudolf. Minha Vida – A narrativa autobiográfica do fundador da Antroposofia. 3ª edição. São Paulo: Editora Antroposófica, 2022.

STEINER, Rudolf. Andar, Falar, Pensar: A atividade lúdica. 9ª edição. São Paulo: Antroposófica, 2014.

STEINER, Rudolf. Filosofia da liberdade. Fundamentos para uma filosofia moderna. 4ª edição. São Paulo: Antroposófica, 2008.

SALLES, Rubens. Introdução – A educação apara enfrentar os desafios do futuro. Instituto Ruth Salles. São Paulo. Disponível em:
<https://institutoruthsalles.com.br/historico/>. Acesso em 12, dezembro, 2023.

Histórico no Mundo. FEWB, São Paulo, 2023. Disponível em:
https://www.fewb.org.br/pw_fontes_historicas.html, acesso em 09, dezembro, 2023.

